



Evento: XXIX Seminário de Iniciação Científica

UM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: O CONCEITO DE BIOPOLÍTICA COMO CANTEIRO ARQUEOLÓGICO INACABADO

BLINDNESS: THE CONCEPT OF BIOPOLITICS AS AN UNFINISHED ARCHAEOLOGICAL SITE

Camilla Dos Reis Marchioro¹, Isabella De Oliveira Brendler², Maiquel Ângelo Dezordi Wermuth³

¹ Acadêmica do Curso de Graduação em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ e Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq do Grupo de Pesquisa: Biopolítica e Direitos Humanos. E-mail: camillarm20@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Graduação em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ e Bolsista de Iniciação Científica FAPERGS do Grupo de Pesquisa: Biopolítica e Direitos Humanos. E-mail: isabellaobrendler@gmail.com

³ Doutor em Direito Público (UNISINOS), Coordenador do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu - Mestrado e Doutorado em Direitos Humanos - da UNIJUÍ, e Líder do Grupo de Pesquisa Biopolítica e Direitos Humanos (CNPq). Email: maiquel.wermuth@unijui.edu.br

RESUMO

A pesquisa visa a analisar o marco teórico biopolítico como ferramenta conceitual para interpretação das violações de direitos humanos na contemporaneidade. A pesquisa investiga as contribuições da filosofia de Michel Foucault e Giorgio Agamben para a discussão de temáticas que envolvem a violação de Direitos Humanos no cenário contemporâneo.

Palavras-chave: Biopolítica; Poder; Sociedade; Direitos Humanos.

INTRODUÇÃO

O biopoder, segundo a filosofia de Michel Foucault, emerge como forma predominante de exercício de poder a partir do século XVIII. Trata-se de um modelo de exercício de poder sobre a vida dos indivíduos, sobre toda a sua extensão. Se antes o poder permitia a morte dos súditos agora, em contrapartida, o objetivo é garantir/potencializar a vida dos cidadãos. É nesse contexto que se apresentam alguns paradoxos, explorados por Michael Foucault, como é o caso do racismo de Estado e a exigência de morte contínua daquelas vidas consideradas “indignas”. Essas problemáticas, revisitadas pela filosofia de Giorgio Agamben na contemporaneidade, foram essenciais para a presente pesquisa.



METODOLOGIA

A presente pesquisa utiliza-se do “método” fenomenológico, compreendido como “interpretação ou hermenêutica universal”, isto é, como revisão crítica dos temas centrais transmitidos pela tradição filosófica através da linguagem, como destruição e revolvimento do chão linguístico da metafísica ocidental. Este método de abordagem visa aproximar o sujeito (pesquisador) e o objeto a ser pesquisado.

A opção pelo referido método deve-se ao fato de que ele é o único que permite definitivamente demonstrar que o modelo de conhecimento subsuntivo próprio do sistema sujeito-objeto foi suplantado por um novo paradigma interpretativo, marcado pela invasão da filosofia pela linguagem a partir de uma pós-metafísica de reinclusão da faticidade que passa a atravessar o esquema sujeito-objeto, estabelecendo uma circularidade virtuosa na compreensão. A ênfase, portanto, passa para a compreensão, onde o compreender não é mais um agir do sujeito, e, sim, um modo-de-ser que se dá em uma intersubjetividade.

No que diz respeito à técnica de pesquisa, optou-se pelo emprego de pesquisa bibliográfica, utilizando-se da literatura existente acerca da temática proposta – livros e periódicos –, do fichamento e do apontamento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O paradoxo apresentado por Michel Foucault (2010) na obra “Em Defesa da Sociedade” se apresenta pelo exemplo da sociedade nazista. Foucault ressalta que, nessa sociedade, o poder - biopoder - que tem o objetivo de garantir a vida é o mesmo poder que causou as guerras mais sangrentas que o mundo já viu. A grande questão é que a justificativa, a legitimidade da guerra, muda. No cenário analisado,

As guerras já não se travam em nome do soberano a ser defendido; travam-se em nome da existência de todos; populações inteiras são levadas à destruição mútua em nome da necessidade de viver. Os massacres se tornam vitais. Foi como gestores da vida e da sobrevivência dos corpos e da raça que tantos regimes puderam travar tantas guerras, causando a morte de tantos outros. E, por uma reviravolta que permite fechar o círculo, quanto mais a tecnologia das guerras voltou-se para a destruição exaustiva, tanto mais as decisões que as iniciam e as encerram se ordenaram em função da questão nua e crua da sobrevivência. A situação atômica se encontra hoje no ponto de chegada desse processo: o poder de expor uma população à morte geral é o inverso do



poder de garantir à outra sua permanência em vida. O princípio “poder matar para poder viver”, que sustentava a tática dos combates, tornou-se princípio de estratégia entre Estados; mas a existência em questão já não é aquela – jurídica – da soberania, é outra – biológica –, de uma população. Se o genocídio é, de fato, o sonho dos poderes modernos, não é por uma volta, atualmente, ao velho direito de matar, mas é porque o poder se situa e exerce ao nível da vida, da espécie, da raça e dos fenômenos maciços de população. (FOUCAULT, 1988. p. 129).

O nazismo foi um exemplo de um paradoxo da biopolítica. Ele se deu pelo interesse da sobrevivência de uma espécie, a raça ariana, que estaria ameaçada pelas espécies então consideradas “degeneradas”. Então em nome da vida e em nome da manutenção da existência de uma raça “pura”, nesse contexto, é necessário exterminar grupos inteiros de pessoas pertencentes à “raça inferior” (FOUCAULT, 2010). Produziu-se, assim, uma das maiores violações dos direitos humanos hoje conhecidas.

Exploramos um pouco mais essa ideia com uma forma aparentemente menos agressiva de se deixar morrer: a negligência. O acesso ao que é a ideia de uma vida digna tem um preço que muitos não podem pagar. Para os que são negligenciados e esquecidos em nossa sociedade, pouco muda de um sistema para o outro além de sua abordagem. Como salientado por Foucault (2010, p.310), “como um poder como este pode matar, se é verdade que se trata essencialmente de aumentar a vida, de prolongar sua durabilidade, de multiplicar suas possibilidades, de desviar seus acidentes, ou então de compensar suas deficiências?”

A distinção entre as pessoas, conforme hierarquia, raça, sexualidade e outros critério estabelecidos circunstancialmente, é extremamente necessária para a promoção da discriminação. Um grupo pode ser extremamente marginalizado até não serem mais percebidos como humanos, que também requerem cuidados. “Essa é a primeira função do racismo: fragmentar, fazer censuras no interior desse contínuo biológico a que se dirige o biopoder.” (FOUCAULT, 2010, p.305).

Na filosofia de Giorgio Agamben (2010), o conceito de biopolítica de Michel Foucault é empregado para explicitar as profundas cesuras biopolíticas que, na contemporaneidade, seguem existindo entre as vidas dignas e as indignas de serem vividas. Agamben propõe uma radicalização da proposta foucaultiana, propondo o paradigma do campo como paradigma político do nosso tempo.

Essa é a ideia paradoxal da sobrevivência, quanto menos seres degenerados em relação à sua espécie, mais a sua deverá se estabelecer e vigorar no mundo. Na obra de



literária de José Saramago (2001), intitulada “Ensaio Sobre a Cegueira”, em que um grupo de pessoas é praticamente exterminado semelhantemente ao holocausto, exprime-se a ideia de que morrendo o bicho acaba-se a peçonha. O conceito de biopolítica nos oferece uma forma mais tolerante de lidarmos uns com os outros para que não acabemos em nossos próprios campos de concentração particulares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resumo buscou dissertar sobre o conceito de biopolítica em Michel Foucault e Giorgio Agamben, assim como relacionar esse conceito com os paradoxos que foram observados pelos autores em suas pesquisas e a distorção da verdadeira essência por detrás deste conceito. A partir da obra literária de José Saramago, buscou-se evidenciar como a biopolítica nos permite fortalecer uma estrutura alicerçada em censuras responsáveis por profundas violações dos direitos humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. Trad. Iraci D. Poletti. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

BERT, Jean-François. **Pensar com Michel Foucault**. São Paulo: Parábola, 2013.

CASTRO, Edgardo. **Lecturas foucaulteanas**. Una historia conceptual de la biopolítica. La Plata: Unipe Editorial Universitaria, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Trad. Anderson Alexandre da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. 19a . ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.